



MUSEU VIVO DO NORDESTE²⁹⁴: UMA RIQUEZA CULTURAL NO FUNDO DO QUINTAL

Ms. Francinilda Rufino de Souza

francinildarufinouepb@hotmail.com

Resumo: Ao se tomar consciência da importância de conhecer a cultura regional a partir do estilo de vida cotidiano de cada geração, não se pode deixar de inserir neste contexto o valor cultural de um museu, enquanto instrumento de preservação da memória histórica e por extensão do patrimônio cultural. Desta forma, objetiva-se neste artigo visualizar como o projeto Museu Vivo do Nordeste procurou despertar o interesse da comunidade em prol do conhecimento e da preservação das culturas nordestinas, bem como apresentar as formas como o museu se utiliza das peças para mostrar que os indivíduos no seu tempo histórico atuam na invenção dos seus cotidianos e como é possível conciliar espaços de preservação com atuações cotidianas de forma dinâmica e interativa. Devido ao vasto acervo com o qual o Museu Vivo do Nordeste conta não daria para fazer uma análise de cada peça individualmente. Desta forma, elegeu-se algumas peças para fazer algumas considerações, em razão de sua importância e significação para o projeto. Assim, a construção desse trabalho se deu por meio de uma pesquisa qualitativa que mesclou pesquisa bibliográfica e o acervo do Museu Vivo do Nordeste, tomando-o enquanto quadros sociais de memórias. Destaca-se ainda, que o projeto tem atuado como um *locus* que possibilita o conhecimento e o desenvolvimento de uma noção de pertencimento, rememoração e imaginação. Nessa perspectiva, o Museu Vivo do Nordeste traz uma proposta que propicia ao visitante uma dinâmica de compartilhamento de informações, ou seja, não se constitui apenas como espaço de admiração e contemplação de objetos, mas atua no sentido de fazer com que a população sinta que os bens culturais lá existentes fazem parte da sua vida, história, identidade e da sua própria construção enquanto cidadão. Portanto, o intuito desse trabalho foi ressaltar um espaço preocupado não só com a salvaguarda e valorização do nosso patrimônio regional e local, mas também como fonte educativa e de recursos didáticos para a prática docente visando promover o aprendizado por meio da interação dos educandos com o ambiente e assim proporcionar diversificação para as aulas de professores tanto os atuantes na universidade como os que trabalham nas escolas públicas.

²⁹⁴ Museu Vivo do Nordeste - foi criado como Projeto de Extensão da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB em 2009 pelo Professor Adhoniran Ribeiro dos Santos, que transformou o quintal de sua casa em um espaço cheio de memória, rico em cultura e com um acervo histórico de mais de 600 peças. Em 2019 estar completando 10 (dez) anos de atuação e está integrado ao mapa do IBRAM e à Semana Nacional de Museus, desde 2013, oferecendo várias atividades para a comunidade, a exemplo do curso “Estética do Cangaço”, realizado pelo Mestre artesão Biagio Grisi.





Palavras – chave: Museu Vivo do Nordeste, patrimônio cultural, quadros de memória.

Introdução

Museu vivo do nordeste
Projeto ainda muito recente
Que conta com a garra de um professor muito valente
Aos poucos ganha asa para divulgar a cultura da gente²⁹⁵.

Ao se tomar consciência da importância de conhecer a cultura regional a partir do estilo de vida cotidiano de cada geração, não se pode deixar de inserir neste contexto o valor cultural de um museu, enquanto instrumento de preservação da memória histórica e por extensão do patrimônio cultural. Neste sentido, reveste-se de importância à manutenção de identidades que garantam as pessoas à referência do seu lugar, o passado e suas práticas culturais, repassadas de geração em geração, as formas de fazer, assim como toda materialidade.

Desta forma, objetiva-se neste artigo visualizar como o projeto Museu Vivo do Nordeste nos seus dez anos de atuação vem despertando o interesse da comunidade em prol do conhecimento e da preservação das culturas nordestinas, bem como apresentar as formas como o museu se utiliza das peças para mostrar que os indivíduos no seu tempo histórico atuam na invenção dos seus cotidianos e como é possível conciliar espaços de preservação com atuações cotidianas de forma dinâmica e interativa.

Devido ao vasto acervo com o qual o Museu Vivo do Nordeste conta não daria para fazer uma análise de cada peça individualmente. Desta forma, elegeu-se algumas peças para se fazer algumas considerações, em razão de sua importância e significação para o projeto e para o processo de rememoração. Com isso, buscar-se-á desenvolver um trabalho não apenas marcado por leituras objetivas e técnicas, mas por construções no qual o aspecto hermenêutico fundante seja o conhecimento, os sentimentos, as perpetuações, memórias e lembranças. E assim, todos juntos entrelaçam os fios que liga

²⁹⁵ Versos de autoria própria.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

uma coletividade a uma mesma realidade, a uma mesma tradição e a um mesmo lugar social. Portanto, a construção desse trabalho se deu por meio de uma pesquisa qualitativa que mesclou pesquisa bibliográfica e o acervo do Museu Vivo do Nordeste, tomando-o enquanto quadros sociais de memórias.

Halbawchs (2006) afirma que existe uma criação constante de lugares de memória, são os chamados *quadros sociais da memória*. Para o autor os indivíduos desenvolvem mecanismos que os remetam futuramente a algum momento vivido no passado, que podem estar tanto ligados a pessoas como a objetos. As lembranças possibilitam aos indivíduos se perceberem vivendo em coletividade, pois:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Partindo dessa concepção pode-se observar que a capacidade de reter informações e de guardar fatos que foram marcantes acaba por constituir-se a memória e essa é rememorada a partir de eventos do momento presente que instiga e reaquece as teias de fios que foram congeladas, adormecidas a serem reativadas, revividas. Ressalta-se, contudo, que nesse processo: "[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes". (HALBAWCHS, p. 69, 2006). Assim, para circular por esses fios a vida das lembranças, faz-se essencial o uso de dois fatores: os quadros de referências e as memórias dos outros a partir de dados ou de noções comuns que façam parte tanto do espírito individual como também do coletivo.

Nessa perspectiva, o Museu Vivo do Nordeste traz uma proposta que propicia ao visitante uma dinâmica de compartilhamento de informações, ou seja, não se constitui apenas como espaço de admiração e contemplação de objetos, mas atua no





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

sentido de fazer com que a população sinta que os bens culturais lá existentes fazem parte da sua vida, história, identidade e da sua própria construção enquanto cidadão. O espaço que hoje leva o nome de *Museu Vivo do Nordeste*²⁹⁶ nasceu já com o intuito de ser um espaço dinâmico, como destaca o professor Adhonoran Ribeiro:

[...] surgiu aqui mesmo no quintal da minha casa, nós sempre gostamos de fazer reuniões musicais aqui e a partir dessas reuniões aqui na varanda, a gente aproveitando esse espaço assim, parecido com um espaço de um sítio a gente passou a decorar como é artefatos típicos do semiárido tanto artefatos vinculados a arte quanto como também artefatos vinculados ao cotidiano né o fazer nordestino e os visitantes começaram a fazer doações cada um tinha uma peça em casa ia trazendo vinha tomar umas cachaças aí, dizia ô eu tenho um ferro em casa, um ferro de brasa vou trazer, aí chegou tanta coisa que o pessoal começou a chamar de museu e eu levei a sério, aí transformei num projeto de extensão e levei lá pro departamento da da universidade estadual onde eu trabalho, foi aprovado e a partir disso a gente passou a trabalhar de uma maneira mais sistemática, mais organizada, mas mantendo essa característica de museu vivo com um fogão a lenha funcionando né, com mesa, com espaço pra pessoas escutarem música, tocarem, dançarem, enfim aqui é um museu com vida literalmente (ADONHIRAN, 2012).

Nesta perspectiva, o espaço do museu foi sendo montado com o intuito de apresentar aos visitantes uma ideia representativa de como eram os móveis e objetos do uso cotidiano dos nordestinos. E assim, proporcionar um diálogo entre os fios de memória de um tempo passado com a identificação de uma cultura histórica, simbólica e significativa para os sujeitos, por meio de memórias, reflexões e lembranças subjetivas e sociais.

Para essa finalidade, a coleção do Museu Vivo do Nordeste que começou a mais ou menos uns 20 (vinte) anos, já conta atualmente com um acervo de mais de 500 peças catalogadas. Algumas ganham destaque pela idade que possuem, a exemplo, do pote de barro e do pilão de madeira também chamado de base de vulcão que são

²⁹⁶ Bairro de Bodocongó/ Lugar de inspiração/ Nos é um exemplo vivo de espaço de modificação/ Neste espaço se localiza nosso museu em questão/ Originário de uma paixão de um professor piradão. Quem ainda não conhece, venha logo conhecer/ E não tenha receio com medo de se perder/ Pois é só acessar o blog para o mapa logo ver.

Localizado à rua: Manoel Joaquim Ribeiro/ Lá mora o professor de nome Adonhiron Ribeiro/ Que faz o cabra amufiado logo quebrar o gelo/ Com um dos seus causos do nordeste brasileiro.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

exibidas com orgulho. A junção dessa riqueza de artefatos se deve a doações de “heranças” de parentes mais velhos, de amigos e também por meio da compra pelo próprio professor de peças como o banco de seleiro para fazer a composição do espaço.

O museu dispõe de diversas peças como: descaroçadeira de algodão, debulhadeira de milho, tear, panelas de barro e metal, oratório, moinho, pilões, prensa de farinha, ferros de brasa, selas, pesos, balanças, máquinas de costuras, petisqueira, barril de cachaça, gamelas, colheres de pau, conchas, tábuas de carne, jogo de condimentos, mesa, cadeiras, rádio, bordado sagrado, cruz de madeira, rifle cruzeta, máquina de fotografia lambe-lambe, baú de couro e de madeira com ferro, ancoretta, pedra mó – também conhecida como “mós”- moinho de pedra onde a moagem é realizada através da alta fricção entre os grãos, além de muitas outras peças que se misturam a vegetação natural típica da Caatinga.

Em meio a tudo isso, está um fogão de lenha (foto: 1), que é aceso em ocasiões especiais para a apreciação da culinária regional, bem como para ressaltar a especificidade de “vivo” e interativo que o museu busca efetivar. O fogão a lenha, se constitui um dos utensílios doméstico popular mais importante, principalmente no meio rural, onde apesar de haver muitas residências que já contam com o fogão a gás, o mesmo continua tendo lugar de destaque na hora do preparo das comidas.



Foto 1: encerramento do evento dos cursos de extensão sobre cordel e xilogravura – com destaque para o professor adonhiran mexendo a panela de feijoada no fogão a lenha.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Esse utensílio reúne em torno de si os saberes ligados ao saber fazer nos modos de preparo das comidas típicas que envolvem também as memórias afetivas. Pois, no seu preparo são envolvidos e cotidianamente ressignificados “conhecimentos acumulados durante gerações e gerações, relativos ao uso dos ingredientes variados, de vasilhames apropriados, de equipamentos de preparação, de fogões e até ao modo de obtenção da energia térmica” (LEMOS, 2004, p.13). Assim, o fogão a lenha também conhecido como fogão no chão ou fogão de barro em alguns lugares interioranos do alto sertão paraibano se torna um “monumento” de memorização de fatos passados e presentes, principalmente ligados ao quadro familiar, o mesmo evoca lembranças relacionadas às emoções e experiências vividas ou vivenciadas.

Por sua vez, o Pilão (foto: 2) que pela quantidade e variedade de modelos encontrados no museu se tornou símbolo do projeto, sendo eternizado em uma xilogravura confeccionada por Emídio Medeiros. Esse instrumento possui grande utilidade na cultura nordestina, seja para descascar ou fazer massa de arroz para a produção de mingau, para quebrar o milho para fazer o mungunzá, o colorau, o café, etc. e pela quantidade e variedade existente no espaço.



Foto 2: Pilões

Acervo do museu (fotografia: Flávia Mentor de Araújo)





O primeiro pilão que se encontra localizado a esquerda da foto se chama **“base de vulcão”** e veio do município de Gurjão-PB e pelos cálculos da família o mesmo já possui mais de 260 anos e sua mão que como pode ser vista está em um estágio avançado de deteriorização não é mais a original, constitui-se como a segunda feita em substituição a primeira. Dentre os outros vamos ter pilão deitado de uma boca e pilão deitado com bocas invertidas.

A confecção do pilão como utensílio remonta sua origem a época do Brasil colônia. A peça é feita com troncos de madeiras duras a exemplo da maçaranduba, peroba, aroeira, pau-ferro e o limoeiro, no qual se utilizava a técnica do fogo, ou seja, colocava-se uma brasa no centro do tronco e ia escavando até atingir o formato desejado e sua haste chamada de mão de pilão ou mão de pisar feito também com um pedaço dessas madeiras (VAINSENER, 2010).

Câmara Cascudo (1954) (*apud* VAINSENER, 2010): “ressalta que o pilão é uma espécie de graal ou almofariz, de madeira rija, como a sucupira, com uma ou duas bocas, e tamanhos vários, desde os pequenos, para pisar temperos, até os grandes, para descascar e triturar o milho, café, arroz, etc.”. Essa variedade de tamanhos, formatos e utilidades citados por Câmara Cascudo em 1954 pode ser observada no espaço do Museu Vivo do Nordeste variando dos pequenos usados para pisar condimentos como pimenta, cominho e alho e os maiores para pisar grãos maiores, a exemplo do milho e do arroz da terra – também chamado de arroz vermelho.

Outra peça imortalizada nas lembranças dos nordestinos é o oratório (foto: 3). Os oratórios tornaram-se peças obrigatórias nas residências familiares a partir do século XIX, este artefato ocupava lugar de destaque nas casas, dentro deles eram colocadas imagens de vários santos, terços, e objetos sagrados. Na foto abaixo se observa a imagem de um oratório simples e dentro dele se encontra duas imagens: à esquerda a de São Francisco e a direita a de Nossa senhora, imagem sagrada e indispensável nos oratórios familiares uma vez que é tida como a mãe protetora e acolhedora dos seus filhos aflitos. Dessa forma, pelo seu caráter a longo prazo e suas evoluções lentas no





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

que se refere a hábitos e a visão de mundo, os elementos sagrados se constituem artefatos importantes como fonte e espaço de memória.



Foto 3: Oratório com a imagem de São Francisco e Nossa Senhora.

Acervo do Museu (fotografia: Elécio)

O oratório é uma peça que apesar de ser geralmente talhada em madeira, sua magnificência aumentava conforme o grau de riqueza da família que o encomendava. Nesta peça em particular é possível visualizar que houve todo um trabalho de pintura dentro e fora do mesmo. Essa peça em suas dimensões permite se ter uma ideia de como as devoções populares vão ao longo do tempo se conservando, mas também se reinventando e transformando seus elementos culturais característicos, pois:

A religião popular que se pode propor como objeto de estudo, não é uma realidade imóvel e residual, cujo núcleo seria uma “outra religião” vinda do paganismo e conservada pelo mundo rural: pelo menos não exclusivamente. Ela inclui todas as formas de assimilação ou de contaminação e, sobretudo, a leitura popular do cristianismo pós-tridentino, como também as formas de criatividade especificamente populares (VOVELLE *apud* SOUZA, 2012, p.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

05).

Para além dessa característica transformativa e adaptativa da religião popular, o interesse em se querer ter um oratório em casa está ligado ao desejo de ter em casa sua própria capela na qual os familiares poderiam ajoelhar-se diante do santo protetor numa relação mais íntima com os mesmos e com Deus. Se observa, portanto, que a religiosidade popular “é um campo impregnado culturalmente, que emerge de um grupo social apresentando traços culturais diferentes, como também em alguns aspectos lineares a uma doutrina cristã ortodoxa e tradicional” (MARTINS; LEITE, 2006, p. 108) que particularmente, no Nordeste seguiu uma matriz ligada à família, seja por parte da mulher que reza pedindo a proteção e união para os entes familiares, seja pelo homem que roga a Deus em suas orações para que o inverno seja bom e que a seca seja breve.

Outro elemento forte no processo de rememoração é a comida e tendo sido a farinha a base alimentar dos sertanejos em tempos difíceis, as peças ligadas a produção dessa alimentação tem grande valor cultural e emotivo. O preparo da farinha de mandioca por meio da prensa de farinha (foto: 4) também se constitui como elemento intangível do patrimônio cultural no que se refere “ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber fazer” (LEMOS, 2004, p.09).



Foto 4: Prensa de Farinha





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Essa peça que se encontra instalada no quintal da casa onde está localizado o museu, veio através de Ismael que é pedreiro, sertanejo e consultor do museu, sua instalação só foi feita no início do ano de 2012, após muitas consultorias e estudos sobre a montagem da peça. Como pode ser observada na foto a prensa é composta de uma estrutura na qual no meio se encontra o parafuso responsável por prensar a massa de mandioca, essa prensagem era para enxugar a mandioca ralada tirando assim sua água.

Diante dessa pequena exposição, buscou-se demonstrar a riqueza que pode ser descoberta por meios das peças expostas no museu, visualizando que da mesma forma que o espaço de uma varanda foi transformado para se adequar as exigências requeridas para um museu, preservando sua característica primordial, ou seja, de espaço “vivo”, as práticas culturais que são representadas por meio do acervo também desenvolvem a mesma capacidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que foi observado durante a realização dos trabalhos enquanto voluntária e bolsista no projeto de extensão Museu Vivo do Nordeste, é que a criação e o desenvolvimento do mesmo têm trazido inúmeras contribuições para o conhecimento e valorização da cultural regional e local, bem como tem oferecido um espaço para trocas de experiências e para inspiração pedagógicas e artísticas.

Pelo seu valor histórico e cultural o museu acabou sendo inserido no roteiro de aulas de algumas disciplinas da universidade, de escolas públicas, bem como integrar-se na vida cultural da população da comunidade do entorno. A rápida aceitação se deve ao fato do projeto ter optado pela linguagem do “ver” e do “sentir” que permite aos seus visitantes estabelecer relações inteiramente novas com objetos que lhes são familiares no seu cotidiano ou mesmo relações inimagináveis para aqueles que desconheciam a





riqueza das peças presentes no dia-a-dia da cultura nordestina.

Portanto, o projeto tem exercido sua finalidade educativa por meio de visitas guiadas com alunos e professores, entrevistas, consultorias para estudantes que pesquisam sobre a temática da cultura nordestina e cursos de extensão tendo por objetivo tornar o museu mais aberto à comunidade, desenvolvendo um trabalho dinâmico, educativo e se constituindo como fonte de recursos didáticos para a prática docente, visando contribuir para a diversificação de aulas de professores tanto os atuantes na universidade como os que trabalham nas escolas públicas.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Núbia S. de A. Um museu vivo, chamado Sacaca. In: **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**, n. 3, 2007. RJ: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2004. Disponível: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/01/Musas3.pdf>. Acessado: 28/09/12.

HALBAWCHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. In: _____. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sindou. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29-70.

MARTINS, Clerton; LEITE, Liliana. Cultura, religiosidade popular e romarias: expressões do patrimônio imaterial. In: _____. (org.). **Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar**. São Paulo: Roca, 2006.

PEIXOTO, P. **Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades**. Artigo, 2003. Disponível: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8511.pdf>. Acessado: 10/09/12.

SANTOS, A. R. Adonhiran R. dos Santos [entrevista, 24 de novembro de 2012]. Entrevistadora: Francinilda R. de Souza. Campina Grande: Museu Vivo do Nordeste, 2012.

SOUZA, Wilma S. de S. **Relação entre o catolicismo oficial e a religiosidade popular: um estudo sobre práticas de cura na igreja do anjo São Gabriel em Dom Macedo Costa – BA**. Disponível em: http://anpuhba.org/wp-content/uploads/2012/09/Wilma_Santos_de_Santana_Souza.pdf. Acessado em: 30/10/12.

VAINSENER, Semira A. *Pilão e Monjolo*. **Pesquisa Escolar On-Line**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível: <http://www.fundaj.gov.br>. Acesso em: 10/07/12.

